



POVOAÇÃO DE STANSTEAD.

O CANADÁ, que está sendo um dos tres grandes pontos da emigração produzida pela nimiedade da população d'Inglaterra (*), occupa uma porção mui vasta das regiões do norte da America, e é a mais importante possessão que a corôa britannica ainda conserva em o Novo-Mundo. Os seus limites pelo sertão permanecem indefinidos; não ha muito que esteve a ponto de serio conflicto a questão com os Estados-Unidos ácerca do territorio ao sul do grande rio S. Lourenço, que emfim se aquietou em 1842 em virtude da convenção assignada em Washington. — A extremidade meridional é Pointpelée; a oriental o cabo Gaspé proximo á foz de S. Lourenço; a occidental o Forte Guilherme no Lago Superior. Pelo lado do norte não ha exacta demarcação; mas de ordinario todo o paiz ao norte dos Lagos maiores, lavados pelas aguas que se despejam no rio de S. Lourenço, reputam-no pertencente ao Canadá; e os districtos cortados pelas correntes que desaguam na Bahia de Hudson, dizem tocar á companhia que se intitula da mesma bahia, e que se emprega principalmente no trafico das pelles.

A distancia caracteristica do solo canadiense consiste nos seus lagos immensos, que são as maiores aggregações de aguas doces que no mundo se conhecem; podem sem duvida appellidar-se mares; cinco, que entre si communicam, estão ao poente do S. Lourenço, e o está ainda mais que os outros

quatro o que é chamado Superior, cuja superficie é calculada em seis setimos de toda a Inglaterra; o immediato é o Lago Huron, pega com elle o Michigan, cujas margens pertencem a territorio dos Estados-Unidos: as aguas do Huron formando o rio S.^t Clair vem despejar-se no Lago Eirie; as d'este fazem outro rio que sabe pela extremidade inferior e no arrebatado curso produz a famosa cataracta do Niagara, (**), maravilha natural, de que já os nossos leitores tem informação: a poucas milhas abaixo della entra o rio no lago Ontario, vasto receptaculo das aguas de todos os outros, donde sabe o magestoso S. Lourenço, um dos maiores rios do mundo, que desemboca no Atlantico depois de correr duas mil milhas, tendo noventa de largura na foz amplissima, e sendo navegavel até 400 milhas de distancia della por embarcações d'alto bordo: (::) na parte mais superior é a navegação impedida pelos rápidos, correntes que resvalam por planos inclinados; porem obviou-se a alguns destes obstaculos por meio de canaes recentemente cortados, de modo que ha agora communicação continua por agua desde o Atlantico até os lagos mais sertanejos. O canal Welland, empreza magnifica, junta os lagos Eirie e Ontario, e dá passagem a navios de grande porte. O Eirie igualmente se prende por via de um canal com o Hudson, rio dos Estados-Unidos, que tambem desemboca no mar. O Ottawa

(**) Vid. a pag. 124 do vol. 2.^o da 1.^a Serie.

::) Atravez do golpho immenso, formado na foz deste grande rio, está a ilha da Terra-Nova, de que fallámos tratando da Pesca do Bacalháu. Vid. pag. 11 do 3.^o vol.

2.^a SERIE — VOL. III.

(*) São os outros — os Estados da União americana — as modernas colonias inglezas da Australia, Terra de Van-Diemen, e Nova-Zelandia, de que o leitor curioso achará noticias em os nossos precedentes volumes.

ou Rio Grande, é logo immediato ao S. Lourenço em grandeza, porem seu tributario, entrando neste junto á cidade de Montreal. O Welland, ou Chipe-wa, é bello e notavel, e inteiramente desobstruido de cachoeiras. — A navegação interior do Norte-America, atravez de regiões bravias e ha poucos annos inhospitas absolutamente, acha-se hoje activa, extensa, e maravilhosa, por meio de esforços da industria, que movem espanto.

O clima do Canadá offerece extremos mui oppos-tos de calor e de frio, e com transições subitas: a primavera começa de ordinario em fins d'abril, e os campos estão cobertos de vegetação ao principi-ar o maio: o thermometro mantem-se geralmen-te no verão entre 80° e 84°, ha exemplos de ter chegado a 102°, mas são muitos raros tamanhos excessos de calor: o inverno tem principio em novembro, sasão de frequentes geadas; no meado de dezembro o chão está coberto de neve d'altura de alguns palmos, e os rios e lagos gelam, até o S. Lourenço se cobre de gelo espesso desde a sua ori-gem até Quebec, ficando incapaz de navegação entre esta cidade e a de Montreal, mas servindo de estrada até para carroças; o frio durante a estação respectiva é mais intenso que em o norte da Ale-manha, e ás vezes equipara, ou porventura excede o das regiões mais gelidas da Russia.

Onde se juntam os territorios do Canadá, Nova Brunswick, e Estados-Unidos, é o districto contencioso, e que por encontradas pertenções seria motivo de guerra a não ser a convenção que mencio-námos. Stanstead, povoação fundada por colonos quasi todos emigrados da mãe patria, e que é representada em o nosso frontispicio, está naquella parte do baixo Canadá tão cerrada com a fronteira da União americana que a designam pelo nome de povoação dos limites ou da raia: compõe-se de casas e estabelecimentos de agricultura dispersos, postoque á vista uns dos outros; e assim vão enterrar-se em solidões e cultiva-las muitas familias laboriosas que na Graã-Bretanha não encontram recursos para subsistir pelo trabalho. O numero dos emigrados que chegaram a Quebec nos sete annos decorridos de 1829 a 1835, excede a duzentos mil; e nos annos posteriores tem continuaado a emigração por modo tal que chama a attenção dos escriptores publicistas e de economia politica. A emigração é sempre um mal, mas quasi sempre procedé de uma grande necessidade.

— Consulte-se o artigo sobre a tomada de Quebec a pag. 193 do nosso vol. precedente.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

A tia Josefa.
Era uma velha que orçava pelos 60, morena, baixa, rollica; olhos vesgos, pequenos e maliciosos; nariz pendendo para a boca e recurvo na raiz; beiços delgados e muito sorvidos; o rir constrangido; dentes? que é delles? já se tinham quasi todos desquitado daquellas queixadas. Feia? não faltemos nisso: a natureza tinha-a servido bem nesta parte. Havia contudo naquella physionomia uma certa affectação e compostura, que é o appendix obrigado

de algumas profissões sociaes; e não era preciso ser lá grande letrado para ler bem visiveis no frontispicio encantador da tia Josefa, entre outras qualidades, bastante astucia, hypocrisia, e avareza até não mais. O traje não a differenciava do commum naquella epocha, a não serem umas grossas camandulas que trazia sempre ao pescoço, e um pandeiro na mão em certas occasiões. Era esta a muito importante personagem, cuja chegada ao arraial foi applaudida pelos estrondosos vivas que interromperam o dialogo, e excitaram a curiosidade dos dois bésteiros.

O officio, emprego, mister, occupação ou profissão da tia Josefa era um nunca acabar; accumulava, accumulava a boa da velha que era mesmo um horror! porque ella sangrava, punha emplastos, levantava a espinhela, benzia do quebranto, deitava ajudas, curava calos e frieiras, matava lombrigas, tirava espinhos, e fazia casamentos. Em certas noites da semana dava tavolagem, e vendia carapáus fritos e agua-pé. [E ainda não digo tudo; e acaso o mais essencial: mas logo se verá]

A sua habilidade era pois incontestavel, e chegava a ser milagrosa; mas a sua reputação era equivocada — quero dizer, cada qual a julgava a seu talante, e dizia da festa como lhe ia nella. Chamavam-lhe um cento de nomes injuriosos os barbeiros, porque ella escurecia o brilho, e tirava a freguezia a estes conspicuos Hippocrates da idade media; visto que a muitos delles faltava a mão destra e experimentada da tia Josefa, e esses arriscavam-se a incorrer na multa e penas que a lei visigothica impunha ao operador mal succedido n'uma sangria. Chamavam-lhe bruxa e feiticeira as velhas da sua igualha, por inveja; e as moças, a quem ella desencaminhava os maridos ou os amantes, por aversão e resentimento. Chamavam-lhe comadre as mães de familia, para cujo enlace matrimonial ella tinha concorrido com a sua agencia. E os indifferentes, bem como a maior parte daquelles a quem ella prestava os seus serviços, não desinteressados, chamavam-lhe a tia Josefa. Tambem se rosnava nos altos circulos daquelle tempo, que a tia Josefa era protegida do governo, isto é, do nobre conde Fernão Gonçalves; e que este não se dedignava de admitti-la a algumas conferencias particulares: de maneira que, sobre tantos officios, a boa da velha tinha de mais a mais talher na meza do orçamento, verba na policia secreta, ou cousa que o valha; porque naquelle tempo ainda não existia o animal daminho e voracissimo chamado orçamento; e á policia secreta, se a havia [eu cuido que sim], davam-lhe outro nome.

A visita de notabilidade tão abalisada não podia pois deixar de causar grandissima sensação no arraial: fizeram-lhe ródá: e a velha, no meio daquella chusma, parecia um general no centro das suas tropas, e mais depressa uma sybilla no acto de proferir o oraculo em cima da sua tripode. Na tripode se assentou, ou n'um moucho de cortiça que alli lhe trouxeram; e um grande silencio se fez em volta da velha, que começou dizendo para a assembléa:

— Meus rapazes, venho aqui dizer-vos adeus, porque soube que estais em vespera de marcha contra os perros infieis.

— E seremos bem succedidos, tia Josefa? (Perguntou com mostras de anciedade um peão de chuça que parecia novato no mister da guerra).

— Qual carapuça? (Atalhou logo um bésteiro, sem

dar tempo a que a velha respondesse). Eu deitei sortes, e achei que desta vez não a fazíamos limpa, porque a mourisma que anda ahí correndo é tanta, que contra cada christão ha pelo menos dez cães.

— Pois juro-vos, mossem bêteiro (*retruçou a velha, visivelmente estomagada de lhe terem cortado a palavra*), que as vossas sortes vos mentem como Judas o traidor. As minbas que, Deus louvado, não costumam enganar-me, dizem-me o contrario. Faz-vos calafrios o grande numero da canzoada, mossem bêteiro? Se andais com quartaãs em vespera de algarada, o conde, nosso senhor, tem mui capazes mezinhas para essa enfermidade. (*Aquí os circumstantes sorriram, e a velha fitou o bêteiro, que ficou um tanto atarantado com esta invectiva inesperada*). Tomára eu um siliue (*prosequiu ella, satisfeita da attenção com que a ouviam e do effeito que via iam produzindo nos semblantes as suas palavras*), tomára eu um siliue por cada maldito mouro que as béstas da peonagem e as lanças dos cavalleiros hão de mandar para os quintos infernos.

— Eu, por mim (*disse para a velha o bêteiro Diogo, que é aquelle a quem a chegada desta tinha interrompido no fio de um dialogo*), desejava saber se a cimitarra de algum cachorro me havia de obrigar [contra minha vontade] a fazer uma viagem até o céu. Podeis-me dar alguma informação a este respeito, tia Josefa? — [A velha, que conhecia por dentro e por fóra a micer Diogo, bem viu que estava na preseuça de outro haruspice, e que era preciso soffrear um tanto a lingua: mas como lhe não faltava sagacidade, disse lá consigo «eu não lhe arrei»; e continuou a sustentar o seu papel por esta forma].

— Se quereis, posso examinar-vos a linha de vida, e dizer-vos, segundo o que vir, se ella hade ser longa, ou breve. Mas a duração da vida, quando está exposta a algum perigo, como succede na guerra, depende muito tambem da prudencia de uma pessoa. Entretanto deixai-me ver a vossa mão esquerda. [Então mossem Diogo estendeu a mão esquerda, e a velha pôz-se-lhe a examinar attentamente o dedo polegar e o index até á junta, que separa o braço da mão; e depois disse:

— A vossa linha de vida é longa, direita, tem boa cór, e todos os signaes de que haveis de durar muitos annos; mas, como já adverti, é preciso, mossem Diogo, que a não arrisqueis imprudentemente.

— Caspíte! Nesse caso, tia Josefa [replicou o bêteiro], o mais seguro seria em vez de me ir eu espetar na lança de algum descrente, ficar com licença em minha casa, exposto quando muito ao ferrão d'algum mosquito. Deste modo ficaram ambos com igual vantagem neste duello de velhacaria; como dois jogadores do xadrez igualmente destros que acabam sempre empatando: e mossem Diogo absteve-se prudentemente de apertar mais o fiado para que lhe não estalasse; lembrando-se que tinha em aberto uma divida na tasca da tia Josefa, e lhe não convinha seccar aquella fonte, onde costumava humedecer frequentemente as guelas. Por estas rasões, que eram de muito pezo para o estomago de mossem Diogo, deu elle treguas á sua mordacidade, e pôz cadeado na bóca: mas para não ser passivo espectador das operações chiromanticas da tia Josefa; em quanto esta ia lendo a buena dicha á chusma que a rodeava, ia elle fazendo uma das suas visagens mais gabadinhas, que era piscar os olhos, inchar a bochecha esquerda levantando-a com a lingua, e tocar-lhe em cima com a ponta do index.

Estavam nisto, quando se ouviu uma especie de reboliço no arraial; e dahi a instantes appareceu um bêteiro intimando á chusma que os almocadens e o proprio vigario chamavam a gente a póstos. Destroçou por tanto a assembléa.

Que será? E se é novidade séria, porque se demora o conde tanto na sua caçada?

O segredo, e sonho.

O que o conde passou com o homem de Deus no eremiterio, é segredo que nunca foi revelado. Só se soube que tomou uma refeição; e que pouco depois de anoitecer, e de rezar devotamente as suas orações, bebeu uma hevida mysteriosa, metteu-se na cama, e em breves instantes se apoderou d'elle o somno.

Que mysterios são os do somno! Esse homem, a personificação mais bem acabada da energia e actividade, ahí jaz como inanimado. O primeiro capitão da Hespanha christã, o mais terrivel antagonista do poder dos arabes, o idolo das multidões, a esperança, o refugio, o defensor de tantos povos val agora menos nesse estado do que o infimo dos seus contrarios ou pela cabeça ou pelo braço. Mas descança em paz e sem receio de traição, porque está na casa do senhor. Dorme, nobre e valente cavalleiro, dorme! Permitta o céu que amanheça para ti a aurora de um dia glorioso.

Dorme! E se eu não temesse profanar a tua alma, votada ao culto de outros amores, dir-te-hia que no proprio palacio de abd el Rahman ha uma mulher, cujo coração padece, por tua causa, tormentos maiores ainda do que são os receios que a tua espada inspira aos filhos do propheta. Eu bem sei, cavalleiro completo, o que tu és de complacente para a formosura. . . . Mas nada, nada: se fiel ao objecto da tua idolatria, que bem conheço qual é.

Poucos momentos tinham passado depois de adormecido o conde, quando um sonho afflictivo veio turbar-lhe o remanso do espirito. Sonhava que a filha do rei de Navarra, a infanta D. Sancha, a mulher que elle amava, estava enamorada de um nobre mouro; e que o tinha no seu quarto; e que o mouro trazia no dedo o proprio anel que o conde havia dado á infanta, na cabeça a cervilheira militar do amante atraído, e sobre os hombros o capote deste, o seu proprio capote de campanha; que eram tres penhores que ella lhe tinha pedido a ultima vez que o víra, e elle lhe tinha deixado como memoria viva e testemunho sagrado da sua afeição. E o mouro dizia para a desleal: «não me está bem este traje?» E ella ria, applaudindo. Então o conde, ardendo por lavar no sangue do seu rival tamanha affronta, veste as armas, monta a cavallo, e parte do eremiterio para Navarra; furioso de despeito, de raiva, de ciúme e de amor.

Voava o seu mata-mouros, fugia-lhe a luz dos olhos com a rapidez da carreira; mas ainda não tinha andado seis leguas, quando de improviso lhe sahe ao encontro um destacamento de *kaschefs*, gendarmaria ambulante do calipha. Desembainha a espada; arremette para elles; atropella dois; fende um de alto a baixo com uma tremenda cutilada; e segue para diante galopando, correndo, voando.

De repente tolda-se-lhe o céu; cerra com elle uma horrorosa tempestade; rasga as nuvens uma

enorme lança de fogo; rebomba um trovão medonho e prolongado; estaca e põe-se a tremer o cavallo; e vai-se abaixando, abaixando tanto que os estribos já tocam no chão. Então abre-se uma larga fenda na terra, e some-se o cavallo; e o conde é arrebatado por mão invisível; e acha-se, no relance de um pensamento, dentro de um palácio de cristal.

Palácio brilhante, sumptuoso, singular, fadado, encantado. O ar recendia alli de aromas preciosos. Pela extensão de uma vasta sala estavam semeadas mezas de ouro; e sobre ellas, symmetricamente dispostas, jarras riquissimas de flores as mais mimosas que os olhos podiam appetecer. E donzellás, custosamente trajadas, esbeltas, viçosas de moidade vinham duas a duas saudar o conde, fazer-lhe sua reverencia ao modo arabe, e depôr-lhe aos pés uma palma.

O guerreiro estava como attonito, enleado do que via; quando de repente ouve os sons de uma harpa, mas tão suaves, tão melódiosos, tão angelicos, que, absorto, a alma lhe estava nadando em delicias. Insensivelmente foi encaminhando-se para o sitio donde vinha aquella harmonia dos céus; até que chegando a elle, deu com os olhos na creatura mais encantadora que imaginação de homem pôde jámais idear.

E ella, ao dar com a vista no conde, soltou um grito agudo, e fugiu.

E o conde, fascinado, perdido, esquecido já da infancia, do rival, do eremiterio, dos *háschefs*, da tempestade, do seu ciúme, do seu amor, dos seus juramentos, do seu Deus, de tudo, foi-a seguindo e correndo atraz della de casa em casa, de sala em sala, de corredor em corredor; até que no fim de um mui comprido a bella fugitiva abrindo uma porta, ou por esquecimento ou por malicia a não cerrou como até alli tinha feito a outras; e o guerreiro entrando por ella achou-se n'um camarim delicioso. E ao divisar a sua estatua entre outras que alli se viam, recuou por impulso de pasmo involuntario; e no recuar tropeçou sobre um sofá; cahiu.

— Truz! truz! truz! á porta do conde. « Com um milhão de diabos [exclamava um pagem batendo com toda a força], sua honra não acorda hoje! Senhor conde! senhor conde! a mourisma está ahí perto; que assim o dizem os escutas, chegados ha poucas horas » [bradava o pagem; já rouco de bradar, e fóra de si].

Este motim infernal despertou o conde do seu sonho, tão doce, e de que apenas lhe restava uma lembrança confusa.

(Continuar-se-ha).

A. d' O. Marreca

O REGENTE.

[1570.]

Com este titulo se executa actualmente no theatro de S. Carlos uma bella opera de Mercadante.

O auctor do libretto foi escolher o assumpto á Historia d'Escocia; mas com nomes historicos fez um drama inteiramente novo, em que nada ha d'historico senão os nomes.

O auctor sappõe o regente [o conde de Murray]

amante da mulher do seu amigo Hamilton: — a condessa d'Hamilton que a seu pesar ama tambem o regente vai implorar a uma feiticeira um philtro para combater a sua paixão; — a feiticeira promete-lhe o philtro sob a condição que a condessa irá pessoalmente colher aservas necessarias ao cemiterio; esta enfim se resolve horrorizada. O regente que se conserva escondido em casa da feiticeira, onde fóra disfarçado para consulta-la, senhorea-se deste segredo, e vai encontrar-se com a condessa ao cemiterio.

Alli são os dois amantes sorprendidos pelo conde Hamilton, que vem em busca do regente para o prevenir e o salvar dos punhaes dos conjurados; uma nuvem esconde a lua no momento em que o conde Hamilton entra no cemiterio; — a obscuridade e um véu com que a condessa se cobre, a occultam á vista do marido, e o regente lh'a entrega obtendo a promessa de a conduzir, sem lhe falar nem a ver, a logar de segurança. — O regente evade-se; — os conjurados chegam, e dispõem-se a apunhalar Hamilton cuidando ser o regente; e a condessa, para salvar a sua vida, descobre-se, falla, a lua apparece de novo, e Hamilton reconhece sua mulher.

A afronta, que julga ter recebido, o faz entrar na conjuração, e a sorte o designa para ser o assassino do regente.

O regente, querendo pela sua parte pôr termo á paixão que o subjuga, tenta afastar a condessa e seu marido para longe, mas querendo primeiro despedir-se della, convida Hamilton e sua mulher para um baile de mascaras no seu palacio; e é no momento em que o regente se está despedindo da condessa d'Hamilton, que o conde chega mascarado, e lhe embebe um punhal no peito.

Este enredo, que talvez têm muito merecimento dramatico, e que tem de certo o de nos fazer ouvir os melódiosos gorgeios da Sr.^a Rossi Caccia, differe inteiramente da historia.

É sabido que depois da batalha de Langside, em que os partidistas da rainha Maria d'Escocia foram derrotados pelos do conde de Murray, irmão natural da rainha e regente do reino; um consideravel numero de prisioneiros foram julgados rebeldes, e condemnados á morte em nome do filho, por havem tomado partido pela mãe: — entre estes prisioneiros se achavam os seis Hamiltons, contra os quaes era maior a raiva do regente, por serem os Hamiltons inimigos fidaes dos Douglas (*).

Todavia nessa epocha o paiz achava-se de tal sorte dividido entre a mãe e o filho, que os mais exaltados do partido do regente julgaram uma tal sentença impolitica, e resolveram impedir-lhe a execução, e as suas solicitações obtiveram do regente a commutação da pena de morte pela de confiscação dos bens. Os proscriptos homisiaram-se nas montanhas, e os validos do regente, que repartiram os despojos dos vencidos, dispozeram-se a tomar posse das suas novas propriedades.

Um dos amnistiados, a quem o regente perdoára o cadafalso com a condição de morrerem de fome, era Hamilton de Bothwelbaugh. Os seus bens vinham-lhe de sua mulher, e haviam sido dados pelo regente a um dos seus validos; — este, quando foi tomar posse, achou a infeliz senhora doente de cama. Em vão lhe supplicou ella que lhe concedesse alguns dias para se informar do logar onde existia.

(*) James 5.^o, pai da rainha Maria, teve Murray de Lady Margaret, que dizia pertencer á familia dos Douglas.

tia seu marido, e reunir-se a elle; o novo proprietario foi surdo a tudo; e não lhe dando nem tempo para se vestir, a fez pôr á porta quasi nua; e tremela de frio e febre. A pobre senhora via-se então obrigada a mendigar de porta em porta um asylo, que por toda a parte lhe fez negar o recibo das vinganças de Murray, de sorte que depois de haver divagado á ventura sem pão e sem vestidos por mais de um mez na mais rigorosa estação do anno, foi uma manhã achada, morta de frio e de miseria, á porta da sua propria casa, onde viera expirar.

Julgou-se do effeito que esta noticia produziria n'um homem do caracter de Hamilton. Não foi ao válido, apenas instrumento, mas a Murray que elle se tornou, e de quem jurou vingar-se.

O regente havia annuciado uma viagem, e devia passar na pequena villa de Linlithgow, partidista quasi inteiramente dos Hamiltons, e na qual, entre outros, o prior de St.º André, partidista fiel e dedicado a Maria Stuart, tinha uma casa situada na praça. Hamilton pediu-lhe o 2.º andar, que não era habitado, e facilmente o obteve; dirigiu-se pois para Linlithgow, e sem passar pelas ruas entrou na casa pela porta do jardim, que se abria para o campo, e subindo ao 2.º andarahi começou com toda a diligencia as suas disposições. Murray devia passar no dia seguinte.

Bothwelhaugh começou por estender sobre o soa-lho os colções da cama para que debaixo lhe não sentissem os passos, forrou as paredes de negro para que lhe não vissem a sombra, prendeu o cavallo sellado no jardim para a seu tempo fugir sem demora, e como ao transpôr a pequena porta notasse que lhe fôra preciso curvar-se sobre o pescoço do cavallo para poder entrar, demoliu a porção de parede necessaria para ter uma sahida larga e livre; — tomadas estas precauções, carregou dois longos arcabuzes, entreabriu as portas da janella, e esperou o acontecimento.

O regente, apesar das representações dos seus amigos para que não passasse em uma villa que lhe era hostil, rindo-se d'um risco imaginario, como quem estava habituado a perigos reais, começou a sua entrada sem haver tomado a menor precaução.

As ruas achavam-se de tal sorte cheias pela multidão de povo que a curiosidade atrahira, que Murray, assim retardado, não pôde caminhar senão a passo; e na praça onde a multidão ainda mais se apinhava, foi obrigado a parar por alguns momentos defronte da fatal janella. Hamilton aproveitou o ensejo para com toda a segurança fazer uma boa pontaria; — disparou enfim, e Murray cabiu varado por uma bala, que foi ainda depois matar o cavallo d'um fidalgo que ia a seu lado.

O fumo denunciou o lugar donde partira o tiro: — os amigos do regente correram á casa, arrombaram as portas, e acharam sómente as disposições feitas por Hamilton, que apenas disparada a arma correu ao jardim, saltou no cavallo, e partiu com a rapidez de quem foge; foi todavia obrigado a servir-se do seu punhal para estimular o cavallo, — e a custo se salvou.

Acontado em França, e bem acolhido por Carlos 9.º, que fazia grande caso dos bons atiradores, foi Hamilton mais tarde convidado para se encarregar de atirar ao almirante Coligny, na occasião da matança feita aos Huguenotes na festa de S. Bartholomeu; mas Hamilton respondeu indignado, que o feito fôra uma vingança, e não um assassinio; —

que o mais que podia fazer, era ensinar aquelles, cujas esposas o almirante houvesse feito perecer de frio e de fome, as precauções que tomara para matar o regente.

Murray morreu poucas horas depois de ferido na noite de 23 de janeiro de 1570.

RETRAZOES SOBRE UM MONUMENTO CONTEMPORANEO.



TUMULO NO MONTE DE S. ROQUE, JUNTO Á CIDADE DE PENAFIEL.

O VIAJANTE, que segue caminho do Porto para vima, passa a ponte Cepeda sobre o rio Sousa, e dá planície da Avelleda espraia seus olhos pelo magestoso quadro que a natureza estendeu pelas margens deste ameno rio; em duas leguas de terreno, que avista, vê o que ha de magnifico em sua natureza, campos ferteis e viçosos, bordados d'arvores, e por cima montes em declive, que servem de caixilho a tão mimoso painel, oppondo barreira ao impetuoso norte. Mas bem longe está da imaginação do caminhante, que em meio de um paiz tão animado e cheio de vida vai dar com os olhos n'um tumulo: é por certo um contraste, porém nada extraordinario por ser tão frequente. Comtudo como os momentos sempre excitam a curiosidade dos homens pensadores e religiosos, se quizer examinar o de que fallámos, desenredando o silvedo que se encosta ao tumulo, descobrirá letras, que não poderá juntar, nem pela maior parte distinguir, porque o tempo, que a nada perdôa, quasi as apagou. Alguem que apparece por aquelles campos, apenas diz queahi se enterrou um frade, que morreu da peste; que assim o ouvira contar a seus avós. Esta tradição nada explica nem individua, pelo que o viajante, se quereis saber como se levantou este pequeno monumento, lêde a historia serafica dos frades menores de S. Francisco da provincia de Portugal, na 2.ª P.ª L.ª 10.ª cap. 49, e tambem o Agiologio Lusitano, aonde se diz que alli jaz o P.º Fr. Manuel da Resurreição, conventual na casa denominada «Conceição dos Mattosinhos» ao qual a clausura não riscou da alma as virtudes sociaes, ao passo que foi um exemplar da caridade christã. Este bom religioso era natural de Arrifana de Sousa [hoje Penafiel], e sendo os seus patricios ceifados pela peste, soffrendo todos muito, veio acudir-lhes com socorros espirituaes e corporaes, ministrando os sacramentos, e diminuindo a mingoa dos pobres, pedindo pelas vizinhanças para os socorrer. Quasi no fim da epidemia, no primeiro quartel do anno de 1579, aos 25 de fevereiro deu a alma a Deus. Os moradores deste lugar por gratidão levantaram o pequeno e humilde tumulo, que acima se vê gravado, o qual tem de comprido 9 palmos e 5 d'altura de chão. A inscripção que actualmente é indecifrável, dizia assim, na linguagem incorrecta daquelles tempos: «Cobre esta pedra os ossos do veneravel P.º

Fr. Manuel da Ressurreição, frade de S. Francisco, que morreu com reputação de santo, confessando da peste neste logar, no anno de 1579.»

REFLEXÕES SOBRE UM MANUSCRITO CONTEMPORANEO.

TIVEMOS em nossas mãos um manuscrito que tinha por titulo = *O Minorista a Fr. Manuel* = e posto não estejamos habilitados para intender de Theologias altas, comtudo alguma cousa encontrámos no folheto pouco digna de um auctor que tanto se quiz inculcar de bom catholico. Não é nosso animo offender alguém; mas porque assentámos com bom fundamento, que muita gente leu aquelle escripto, a essa mandámos nossas letras, para que fique de certo modo conhecido quem só conhecemos pela obra. E porque será força irmos parar a portas mui trancadas, e lá bateremos aldrabas, desejosos de que acorde quem bastante tem dormido, pedimos nos não taxem d'insófridos por obrarmos o que o bem commum nos aconselha.

Era pois o Minorista, que nos veio a ólho, o monstro da Epistola aos Pisões! tinha tres linguas n'uma bôca, e uma dellas tão disforme que causava asco! Não se faça duvida no que dizemos, quando um Minorista não poderá ser tal e arriheiro e doutor ao mesmo tempo. Ainda concedemos que o artista seguindo a excepção como regra podesse dar a leitura, que desinvolve, a quem raras vezes a possui; porem ninguem convirá em que seja pintor destro e sabedor aquelle que representa um clérigo virtuoso e letrado fallando em termos de homem de taberna. Alem de que essas palavras baixas e indecentes que em torrentes lhe sahiram da penna, são pouco em favor do catholicismo que tanto alardea; nem vai menos d'encontro ás maximas de Jesus-Christo o espirito rancoroso que deixou transluzir contra seus proximos. Se o auctor teve para si que a questão — posto fosse tratada com um sacerdote de cujas immuniidades se mostra tão zeloso — não merecia a gravidade da penna em quanto ao sujeito: a materia pedia todo o respeito por versar em assumptos de Religião, a que não ajustará nunca outro estylo que não seja o mais nobre e sublime. Creemos que a pureza e lustre da religião como que se turva com o halito das más palavras, e não será sem grande dôr do seu honesto coração que a soberana do mundo se verá enfeitada de trapos plebeos, e como em rancho de gente de tão ruim conversar. Mas o actor sabia aonde e para quem escrevia — na aldeia e para pessoas pouco illustradas, das quaes tambem se ganha nomeada e brado com lhes imitar o peor do estylo. Pouco largo se deramaria o rebanho do Senhor se os enviados a comprar ovelhas a preço da palavra doce e amorosa do Evangelho seguissem as extraviadas com « torna aqui, besta, comilão, bebado », e não sei que outros desbocamentos de atemorisar, de fazer avivar o passo e dobrar carreiras. Mande o illustre escriptor sahir o seu Minorista a povoado, e affiançamos-lhe que não encontrará por lá louvores, mas gasalhado de caridade em correccção fraterna. O zelo que affecta em serviço da religião não o cremos sincero, sobranos lição no passado e no presente de especuladores que traficam interesses da terra com palavras do céu. Não é compondo poemas heroico-comicos-religiosos que se cumpre a missão do sacerdocio,

mas correndo com canceira apostolica aos templos a prégar a doutrina nua e simples, e isto até pelas praças e ruas. É ensinando aos meninos os principios da verdadeira crença, pacificando os discordes, consolando os affligidos. A desmoralisação do seculo, essa impiedade que tanta gente nota em nossos dias ficando-se de longe a dormir ou a lastimar, é de tantos males o que mais nos doe e faz pavor, porque o considerámos pai de todos, e como um rio temeroso que rebenta do inferno, enxofrado e corrupto para submergir as nações. Mas para grande mal grande remedio, e maior a diligencia do medico. Aquelle que vê o seu similhante cahido no chão, quebradas as pernas sem poder erguer-se e todo elle feito um bolo, se toma assento em distancia, e entra de chorar vivas lagrymas contando aos que vão passando a desgraça daquelle pobre e a sua magua pelo ver assim, haverá quem crea sincero esse homem, se não mostrou desejo de valer ao seu proximo em tal desventura, e não se chegou a elle e o ligou e poz sobre os hombros, nem cuidou de encontrar remedio a tanta lastima!! A contagação não fóra tal e tão medonha, se a caridade e ardente zelo pela salvação das almas não andasse de ha muito esmorecida e como morta nos medicos, a maior parte dos quaes só gastam o tempo em theoreticas, e os enfermos tolhidos da peste, repassados de dores incomportaveis, dando gritos agudissimos de desesperação, a definhar-se em desamparo, a morrer á força de mingua! É fel amargoso o que ahi lançou nossa penna, mas não sabiu de entranhas damnadas pelo rancor, houvemo-lo do coração consternado, foi uma lagryma de amargura que nos cahiu no papel. Ha-de vir um dia terrivel em que será força appresentarmos aberto o livro da consciencia no tribunal de Deus, onde não haverá pretexto que nos valha por deixarmos de atalhar o mal quando podiamos, e onde desenroladas até as minimas dobradas do coração se tomará estreita conta dos proprios pensamentos. Portanto mãos á obra, que vai cá muito a fazer, e é de obrigação acudir ao trabalho com afinco, para proveito de todos na vida e na morte. Haja desejo de edificar, acompanhado de zelo provindo de consciencia pura e diligente, constante até derramar suor em fontes, que só assim cobrará bom salario quem atrazou por descuido. A ninguem será mister tomar alforge para ir longe buscar trabalho; cada um na sua freguezia, na propria aldêa, na mesma vizinhança haverá de que occupar-se por toda a vida. Onde existem proximos nunca faltou que louvar, que reprehender, que ensinar, e necessidades espirituas a que acudir. Mas para que a semente aproveite precisa ser lançada com bom exemplo, não faltando a brandura e mansidão evangelica para que o povo se entregue d'alma ao seu amigo e consolador. Que proveito não viria á religião e ao estado, se a caridade levasse os sacerdotes a ensinarem a ler os meninos, onde se não aprende por falta de mestres. — Soldados de Jesus-Christo, sahi á campanha. Seja o vosso primeiro esforço reunir aos pés da Cruz os dois bandos da familia portugueza que mais desavindos tem andado. Ensinai-lhes que as virtudes e peccados são dos homens: que em nossa terra não ha partido politico exclusivamente santo, como nenhum que só conte peccadores. Este principio funda-se na justiça que é a estrada do céu, quem o desprezar vai extraviado. — Guerra só aos peccados pesados na balança de Deus.

N. M. de Sousa Moura.

Poesia.

O Voo d'Alma.

GRAVOU-SE no occidente em mar de fogo,
Entre orlas de carmins, nuvens douradas,
A lampada dos mundos.
Envolto em negro véu some-se o dia,
Pelo astro que fugia, milhões se engastam
N'esse foco de luz, no azul da esfera:
É um mundo cada um, milhões de mundos.
Lá se erguem sobre nós no espaço immenso,
Campêa em céos d'esmalte o sol das noites;
A brilhar, a luzir, mil raios palidos
Na terra se refrangem, sobre as aguas,
Sobre as rochas do mar, sobre altas cupulas,
No pinac'lo da cruz, na face santa
Dos templos do Senhor, ungiudo as pedras,
E os olhos de mortal, desejos loucos!
Querem astros sulcar, o ler no seio
Das paginas de luz do livro eterno!
Essas ondas d'azul, que se revolvem
Encap'ladas no céu; essas montanhas,
Que derramam do bojo a luz e a morte;
As vagas moveidas, que d'encontro
Vão o raio levar de pólo a pólo
Não se cruzam sanhudas, e não tragam
Essa mão de mortal, que quer sulca-las!
Esses astros de luz, que em torno a espalham,
Quaes brilhantes faroes no espaço accesos,
As fracas vistas do mortal não cegam!
Dia e noite são duas paginas
Do livro do Creador,
Não as soletram os homens,
Mãos as voltam do Senhor.
N'uma dellas mão divina
Nos mostra o mundo e' um véo;
N'outra vê-se um disco em braza
Cortando os campos do céu.
Misterios tudo mais, abismo e trevas,
Onde a mente a sonhar se perde insana.
À noite em pinheiral cerrado e triste
Irado rúmoreja o norte agudo;
De quebrada em quebrada caminhando,
Do cypreste através açouta as ramas,
Vai ao longe rugir, franger na encosta,
Dónde olha ufano, balançando frouxos
Os troncos, que ao passar vergou sorrindo.
Rebrame em vagalhões d'encontro ás rochas,
A morte vomitando, o mar sanhudo;
As vagas sobre as vagas se encapellam,
No abysmo se balançam temerarias,
E surgem... surgem mais, erguem montanhas,
Encontram-se raivosas, espedaçam-se
No valente embater.
E correm, correm sempre, e vão ao largo
Bravezas apagar, morrer, sumir-se.
Novo brame o tufão, outras resurgem;
Ao longe no alto mar entregue á sorte
No altivo collear das bravas ondas
Vê-se fragil baixel.
No dorso da tormenta ora devassa
Os segredos do céu, roçando as nuvens;
Ora desce outra vez, e vai co'as vagas
As cavernas lamber do negro abysmo,
Esbraveja o gigante das tormentas,

Ronca nos antros seus o mar com furia,
As vagas em montões erguem-se altivas,
Embala-se o baixel no collo d'ellas,
Lá segue os vagalhões e vai d'encontro
De baldão em baldão quebrar nas rochas!

Senhor Deus, quantos viventes
Tem findado desta sorte!
Quantos vão buscar nas aguas,
As agonias da morte!
Erguem-se as mãos convulsas,
Já nos trances do morrer;
Ergue-se um grito — piedade —
E vai-se ao longe perder.

Se dentes ferrar podessem
A salvação n'um rochedo;
Se o misero achar podesse,
Para a vida algum segredo.

Dera a carne aos duros tratos,
Metade do seu viver,
Dera o céu, mas não quizera
Não quizera um tal morrer.

Mas embalde, as surdas ondas
Só lhe escutam o estertor,
Perdido na immensidade
Não ouve um echo d'amor.

Ao largo contra as penhas debatendo-se
Escuta-se o bramir das ondas rabidas.
E o mar e o vento conglobados rugem,
Bravejam encrespando as torvas aguas,
E os continentes furiosos batem;
Querem praias calcar, saltar as raias,
Que o Senhor lhes marcou na estancia eterna.
E a rocha, que os escuta immovel sempre,
Vê-lhe as iras quebrar nos pés de marmor.
E queda-se contente.
E o astro, que surgiu nos céos d'aurora
Ergueu-se n'horizonte, e tambem passa
Orgulhoso de si, que os raios d'elle
De dia em dia dardejando as rochas

O dorso lhe tostaram.
Refervem areas ao sol da Syria,
Um arbusto sequer não move as ramas,
A briza não respira, é tudo fogo.
De longe em longe, refrigerio d'alma,
Nas areias resalta uma fontinha
Orvalha o verde oásis que a circunda,
E o lasso caminhante ao vê-la extatico
Nas aguas de cristal a sede mata,
Os joelhos curvou, bemdisse o Eterno,
E ávante o sol passou em céos ardentes.

Bemdito Senhor, que deste
No deserto uma fontinha;
Bemdito tu, que creaste
Junto á fonte uma florinha.
Deste a agua, e deste o fogo,
Deste a briza e o calor;
Deste á vida refrigerio,
Deste ao mundo o teu amor.

Do mundo nos confins lá vérga o pólo,
Sob a mol'colossal do gelo inerte.
As serras de cristal devassam astros,
O noto não encrespa as aguas mortas;

No leito de granito recostadas.
 Uma véla jámais, um lenho viram,
 Lá não singra o baixel aventureiro.
 E nasce e morre a flor ao sopro agudo
 Do norte queimador.

Nos seios do vulcão erguem-se as chammas.
 Lá reservem cachões.
 Da cratera esbrazeada a lava ardente
 Se lança caudalosa, e vai de rojo
 Em rios enxofrados meneando
 O diadema d'um dia sobre a terra,
 Que esterilisa insana, e queima e esmaga.

São misterios insondaveis
 Os teus decretos, meu Deus,
 Déste a vida a par da morte,
 Create a terra, e os céos.

Déste o gèlo, e déste o fogo,
 Déste a briza, e o calor;
 Déste aos bons a salvação,
 Bemdito sejas, Senhor.

Minha alma voa ao céo, lá sobre os astros,
 Em canticos d'amor, o Eterno louva.

A. X. R. Cordeiro.

DA MUSICA COMO INSTRUMENTO DE CIVILISAÇÃO (*).

DISSEMOS que era preocupação insensata crer que existiam povos com propensão innata para a musica, e que outros eram privados desse dom natural. Repetimos o mesmo, e com a mesma convicção com que dizemos que as sciencias são cosmopolitas e desconhecem nacionalidades; — deem-se os elementos, os estímulos para o estudo, e verão como sobressaem genios onde quer que apparecerem meios de ensino, favor ou protecção, e incentivos de louvores ou lucros.

Sirva de exemplo o governo francez que reconheceu a possibilidade de extirpar aquella preocupação, e a necessidade de franquear ao vulgo não somente a instrucção que as precisões materiaes da existencia reclamam, como tambem a que tende á influencia moral e por consequencia a certo gráu de felicidade, que traz consigo a distracção prudente e proveitosa no tumulto das obrigações da vida social. — Se não fóra a persuasão desta ideia, nenhum governo daria subsidios aos theatros publicos. —

Vê-se que as intelligencias vigorosas, que na oscillação de pensamentos politicos, tem presidido de annos a esta parte aos destinos do povo francez, pozeram grandes diligencias para que em França se fizesse mui popular a arte, o exercicio da musica; consulte-se sobretudo a lei de 28 de junho de 1833, que prescreve essa instrucção como obrigatoria em todos os estabelecimentos de ensino publico. — Segue-se que quando uma verdade é util realmente á ordem social, lá vem tempo em que se desembaraça das nuvens com que a obscureciam as preocupações, e alguém apparece que a ponha em pratica, que a converta em facto que depois ninguem contesta.

Prosigamos com o exemplo que adduzimos: — Rousseau dissera que o povo francez não tinha gosto, nem propensão para a musica: dado que assim

(*) Vid. a pag. 23 e 24.

fosse no seu tempo [porque a arte estava no berço, estreitada pelas faxas em que a embrulharam os erros de Rameau e as theorias dos *encyclopedicos*] não seria possível o crescimento, o resgate, o aprender e adiantar-se? — Viu-se que pouco mais tarde Gluck a emancipou: e que diria o austero e paradoxal escriptor genebrino, se na sua presença alguém profetizasse que a Italia havia de adoptar, e sem postergar seu estilo e seus brios, cantoras francezas?... Rousseau, homem de manias que lhe passavam presto, ou se calaria, como fez em casos mais graves, ou contestaria como um energumeno: — mas a decisão era da competencia da posteridade; e o facto que a resolve ahí está perante a Europa.

Accitemos e honremos, pois, o talento, onde brilhar com seus merecimentos reaes; é cosmopolita, recebe as palmas onde a civilisação lh'as offerece: — ha nisto gloria e muito grande; pertença ella ao genio immediatamente e tambem á patria em que nasceu; porem nada de preferencias odiosas. Insistimos nesta proposição — *com iguaes meios de instrucção alcançam-se vantagens iguaes* — e insistimos para tirar pretexto a animos apaixonados, e a indoles negligentes ou preguiçosas. — O caso está em estabelecer e promover o ensino.

Desafio aos ladrões. — Lord Berkeley, opulento fidalgo, apostou, pelos fins do seculo passado, uma quantia avultada em como nunca se deixaria roubar por um homem só, quando fosse de jornada; e por certa fanfarrice, a qual muito quadrava com o gosto e moda daquelle tempo, accrescentou que não se queixaria sendo roubado por um só homem, e que não perseguiria o ladrão. Tal promessa d'impunidade dava animo aos mais finos d'entre os salteadores d'estrada; e as gazetas espalharam por todo o Reino-Unido a singular provocação de lord Berkeley, que se viu exposto, como era de esperar aos ataques dos mais resolutos. Os bandoleiros levaram de seu capricho aceitar as condições que o fidalgo propozera, accommittendo-o só corpo a corpo; porem quantos intentaram toma-lo de salto tantos pagaram caro a ousadia, porque a uns matou e a outros aleijou, de sorte que os ladrões já se não atreviam a envidar mais jogo com tão rijo parceiro. O ultimo foi um salteador famoso, da tempera de Rob-Roy, que o investiu nas serras de Inverary e o tomou quasi descuidado; mas o lord disse-lhe com serenidade: — Tu és falsario; alli fica gente emboscada, que veio contigo. — « Não ha tal: tornou o outro, e voltou a cara maquinalmente para ver se alguém estava. Berkeley aproveita o instante; em vez da bolsa, puxa de uma pistola d'algibeira e a dispara á queima-roupa ao ouvido do ladrão. — Dahi por diante ninguem mais o inquietou em suas viagens.

Homem, o que procuras na terra, que não tenhas de deixar nella?

Amâmos, e aborrecemos de um modo estranho e mysterioso o mesmo mal, que fazemos.

É prudente ás vezes disfarçarmos o conhecimento da verdade sem comtudo abonarmos a mentira.

O crime tem cúmplices affectuosos até consumir-se: renega ao depois aos seus proprios companheiros. — T. A. Craveiro.